

viver



ACERVO FOTOGRAFICO/MUSEU DE COMUNICACAO HIPOLITO JOSE DA COSTA/ANTONIO NUNES/ZC

A MAIOR ENCHENTE que Porto Alegre já viu



A enchente de 41

Marcus Meneghetti

Porto Alegre. Madrugada de 6 de maio de 1941. Os linotipistas do Diário de Notícias, um dos principais jornais da Capital, se apressam para imprimir a edição que será vendida ao amanhecer. Eles têm pressa porque as águas do Guaíba - cujo leito transbordou há alguns dias - estão prestes a atingir a sede do veículo, instalada em um edifício de dois andares na Rua dos Andradas, nº 1.137 (onde hoje fica a Galeria Di Primio Beck). Enquanto os gráficos operam as três máquinas linotipos e a rotativa no andar térreo, os repórteres se posicionam na sacada do segundo andar, de onde enxergam boquiabertos a Praça da Alfândega submersa. Naquela noite, ao final do trabalho na redação, um jornalista testemunhou o avanço da cheia: “à hora que encerramos o serviço, as águas começavam a vencer o fio

do cordão da calçada do edifício do Diário de Notícias”. Apesar do avanço das águas, a edição saiu antes que inundasse a oficina. A matéria de capa começava assim: “Já não há mais dúvida: estamos em face da maior enchente que até hoje conheceram Porto Alegre e o Rio Grande do Sul”.

De fato, a enchente de 1941 - que completa 80 anos em 2021 - foi a maior da história de Porto Alegre. De 10 de abril a 14 de maio, os jornais noticiaram a maior quantidade de chuva registrada neste período do ano: 629,4mm. Ao mesmo tempo, informavam que chovia aos cântaros em praticamente todo o Estado, inclusive nas regiões onde ficam os principais rios que desaguam no Guaíba: Taquari, Jacuí, Caí, Gravataí e do Sinos. Como se não bastasse, o vento sul, vindo da Lagoa dos Patos, empurrava a enchente contra a cidade. Em 8 de maio, a combinação desses fatores elevou o Guaíba ao maior nível já registrado: 4,76m. A Capital permaneceu inundada por 23 dias, de 22 de abril a 14 de maio.

Muitos fotógrafos - como Sioima Breitman, Lauro Porto e Carlos Contursi - registraram diariamente o avanço das águas sobre a cidade. Chegaram de barco aos

locais mais afetados, como as ilhas do Delta do Jacuí e os bairros São João, Navegantes, Centro, Cidade Baixa, Menino Deus e Praia de Belas. Se não tivessem tirado tantas fotos, talvez fosse difícil acreditar que os principais cartões postais da cidade ficaram submersos: o Cais do Porto ficou sob 2 metros de água; o Mercado Público, sob 1,7m; a Praça da Alfândega, sob 1,5m; e a Usina do Gasômetro, sob mais de 1m. A Rua dos Andradas ficou alagada do Gasômetro até a esquina com a General Câmara.

Mais de 40 mil cidadãos - 14,6% da população - tiveram que abandonar seus lares, quando, repentinamente, a água começou a invadir a cozinha, sala, quarto etc. Parte dessas pessoas foi para a casa de algum parente; parte foi acolhida por famílias não atingidas pela cheia; e parte foi para os abrigos improvisados pelo governo do Estado e a prefeitura. Conforme os balanços divulgados pela imprensa da época, quase 18 mil flagelados, como eram chamados os desabrigados, passaram a viver em 84 albergues espalhados pela cidade. Mais ou menos 500 deles permaneceram lá até meados de junho.

Além das residências, mais

de 600 estabelecimentos comerciais e industriais foram atingidos. Conforme o escritor Rafael Guimaraens - que, em 2009, escreveu o livro *A Enchente de 41* - o prejuízo chegou a 60 mil contos de réis. Hoje esse valor significaria mais de US\$ 30 milhões.

No momento mais drástico da enchente - a primeira semana de maio -, os principais serviços públicos foram interrompidos. O transporte em bondes, automóveis e carroças foi substituído por embarcações. O transporte intermunicipal só foi retomado na segunda semana de maio, em um modelo híbrido, com viagens feitas em barcos, ônibus e trens, dependendo do trecho. Boa parte dos serviços de comunicação foi prejudicada, porque o prédio dos Correios e Telégrafos (onde hoje funciona o Memorial do Rio Grande do Sul) foi um dos primeiros a ser inundado. O fornecimento de gás e energia elétrica foi cortado por alguns dias, visto que a Companhia de Energia Elétrica - que operava na Usina do Gasômetro - também foi alagada. Por fim, o fornecimento de água potável foi suspenso.

Esse cenário caótico foi largamente documentado por fotógrafos, jornalistas e autoridades - apesar das dificuldades impostas

pela enchente. Por exemplo, embora o Diário de Notícias tenha conseguido imprimir a edição de 6 de maio, a oficina acabou alagada naquela madrugada. A sala de máquinas ficou sob uma lâmina de 30cm d'água. Como se não bastasse, no dia seguinte, a inundação na Usina do Gasômetro interrompeu o fornecimento de energia elétrica por alguns dias. O jornal só retomou as edições em 10 de maio, quando a prefeitura emprestou um gerador para o veículo. Correio do Povo, Revista do Globo e outros veículos também passaram por alagamentos. O **Jornal do Comércio** - na época Consultor do Comércio - tinha sede no Palácio do Comércio, prédio cujas portas de entrada ficaram completamente embaixo d'água.

Mesmo assim, o material produzido pela imprensa da época, a bibliografia sobre o episódio e entrevistas com especialistas permitem reconstruir a trajetória de personagens que desempenharam um papel importante durante a cheia. O itinerário dessas pessoas revela, hoje, 80 anos depois, novos aspectos sobre a maior enchente que Porto Alegre já viu.

Leia mais na página central